

DESTINO NEGA BRILHO DE MATSINHE NA PISTA E



Por: REGINALDO CUMBANA

Fotos de Sharlene Adjia

Rostos & Rastos entabulou uma conversa com o ex-velocista Sebastião Matsinhe, hoje um artista plástico, faceta que escolheu como ideal rampa de lançamento para dar corpo ao projecto de auto-superação, depois que uma doença estranha afastou-lhe das pistas.

Artista emocional, com o título de Antropólogo Cultural pela Universidade de Western Cape, Matsinhe traz-nos nesta entrevista sobre as lutas que travou para se formar, os incentivo que teve de pessoas de bem, não tendo se furtado de falar do fatídica doença que lhe afastou, definitivamente, das pistas.

Eis a súmula da entrevista, em que o Mestre Matsinhe mostra um exemplo de superação, porque, apesar de paralisado, recusou-se a resignar-se. Recusou-se a pedir esmola em alguma esquina de Maputo. Fez bom uso das suas mãos prendadas para ganhar a vida. Independente e decentemente.

A VIDA MUDOU NUM... TREINO!

Estamos do dia 29 de Janeiro de 1985. Poucos meses atrás acabava, Matsinhe de participar nos “Nacionais” da Beira. Nesse dia, traiçoeiramente, a estranha enfermidade tirou-lhe do atletismo. Irreversivelmente. Um virar de página que exigiu de si muita coragem para erguer-se.

Recua 41 anos para partilhar como tudo aconteceu naquela triste manhã, mas ressalva “nem eu sei ao certo que doença foi aquela. Os médicos deram versões diferentes, pelo que tudo terminou nesse mistério sem explicação até hoje. Só sei que estou assim há quatro décadas”.

Numa primeiro momento “disseram-me, aqui em Maputo, que era amigdalite tuberculose. Na África do Sul falaram de indícios de pólio. Talvez associaram a uma doença doença que estava em voga, provocada pelo consumo de mandioca amarga no Norte do país, mas no meu caso não se aplicava porque sou do sul”.

Outro diagnóstico veio de Portugal. “Lá disseram-me que era provável ser algo relacionado com pólio. Acontece que eu fico doente com 18 anos e a pólio ataca crianças com menos de 15 anos. Ademais, a minha mãe tinha guardado os cartões de vacinação, que comprovavam que eu tinha feito todas as doses”.

Perante essas provas, os médicos levantaram outra possibilidade



Sebastião Matsinhe fez Mestrado no Western Cape University, África do Sul, e ostenta o título de Antropólogo Cultural

de... “segundo eles eu podia não ter engolido toda a vacina, que era administrada por gotas via oral”.

O velocista regressa ao país e entrega os relatórios à sua médica. “Ela não concordou com o diagnóstico, embora respeitasse a opinião dos seus colegas, alegando que se isso fosse verdade podia ter-se verificado com outras crianças”.

Além disso, “quando estava internado em Maputo os meus braços e as pernas não funcionavam. Graças aos medicamentos que estava recebendo no hospital melhorei os braços e começava a registar melhorias na perna direita”.

Era quase evidente que a probabilidade de ser pólio estava fora de questão. Toda e qualquer tentativa de curar o mal desconhecido não resultou. O Costa do Sol ajudou até onde pode, a família também, mas sem sucesso. Sem outra saída, Matsinhe teve de aprender a apoiar-se em muletas para se locomover, até hoje”.

FOI UM MAL REPENTINO!

O nosso entrevistado faz questão de repor o filme desse dia fatídico.

– “Acordei de manhã, fui ver a pauta na escola. Voltei, almocei e descansei. Os meus colegas vieram chamar-me e fomos treinar. Em pleno treino de repente senti-me cansado. Parei e logo caí. Essa é a parte que ainda me lembro, porque o que aconteceu dali para a frente não posso dizer. Estava inconsciente”.

Prosseguindo com a narração da sua memória mais triste, afirma que “só descobriu três dias depois que estava na cama do hospital. Tudo reapareceu como um sonho mas, como disse, não sei que doença me acometeu”.

Cristão devoto e na falta de uma explicação científica para o que lhe aconteceu, Matsinhe atribui os factos às forças do além, onde cabe a combinação entre os poderes do Omnipresente e a maldade do seu

eterno adversário.

– “É possível que seja a forma como Deus quis que as coisas acontecessem, ou a forma como o diabo também quis intervir. Pode ser o destino. Tanto faz. Não posso dizer categoricamente que foi isto ou aquilo. A verdade é que foi chato”.

Para trás ficavam recordações boas, que quis o destino que não fossem melhores ainda.

– “Sabe, quando tu és desportista e estudas os colegas vão ver as tuas provas, torcem por ti e na escola és visto de maneira diferente. És respeitado pelos colegas e professores. Isso deixa-te com uma sensação de conforto. É bonito. Tive o prazer de viver esses momentos”.

Outra parte bonita foi quando o falecido João de Sousa relatou uma das minhas provas.

– “Foi uma honra ouvir aquela respeitável figura a relatar uma prova de atletismo e dizer que eu era fantástico. O comum era fazer relatos de futebol ou basquetebol. Foi um dia marcante”.

Ver o seu nome nos jornais também lhe orgulhou.

– “É prestigiante quando o teu nome aparece nos jornais pela positiva, sobretudo numa altura em que não havia telemóveis e televisão. Ter acesso à televisão só era possível nos círculos e grupos dinamizadores, em grupo”.

NASCIDO EM CAMBINE CRIADO EM MAPUTO

O seu nome completo é Sebastião Filipe Matsinhe, mas é mais conhecido por Sebastião Matsinhe. Segundo nos segredou, nasceu às 17 horas e quatro minutos do dia 24 de Fevereiro de 1967, em Cambine, distrito de Morumbene, província de Inhambane.

– “Os meus pais chamam-se Filipe Sumburane Matsinhe e Luísa Laíta Humbane. Éramos cinco irmãos, mas eu só vi quatro. A única menina faleceu antes de eu nascer. O primeiro foi Alpizado Matsinhe, pessoa que me cuidou, já que perdi o meu pai aos onze meses”.

O meu irmão mais velho vivia em Lourenço Marques (Maputo) e era dactilógrafo da Força Aérea. Pediu à minha mãe para me levar para a capital. Praticamente ele é que foi o meu pai. Infelizmente, ele já nos deixou há uns quatro anos. Devo a ele a educação e o homem em que me tornei. Depois vêm o Arão e Joaquim. Eu sou o último. Infelizmente, os dois primeiros já se foram e só ficaram os dois últimos”.

DO FUTEBOL AO ATLETISMO

Como muitas crianças, Matsinhe teve o futebol como primeira paixão da infância. Porém, já no ensino primário o professor Zacarias desviou-lhe para a ginástica, que foi o ponto de partida para entrar no atletismo.

– “Em 1977 participámos no I Festival Nacional dos Jogos Escolares. Apresentámos diversos números de ginástica no Estádio da Machava. Já no ensino secundário tive professores de Educação Física, como a professora Anabela Freire e o professor Gilberto Canaveira, que foram determinantes na minha opção pelo atletismo”.

BREVE CARREIRA NO COSTA DO SOL

A professora Anabela, que depois de corredora já era treinadora do Ferroviário de Maputo, quis muito que o velocista Matsinhe fosse seu pupilo, mas acabou optando pelo Costa do Sol. É que só assim fazia sentido, porque o seu encarregado era adepto do “canarinho”.

Entra no Costa do Sol depois de já ter sido vice-campeão dos Jogos Escolares da Zona Sul, o que colocou alguns clubes em alerta. Estava ali um velocista por lapidar.

Participou no primeiro Campeonato Nacional de Júniores na Cidade da Beira em 1984.

– “Ficámos em quarto lugar na classificação geral. Nas estafetas ficámos em segundo lugar. Lembro-me muito bem que o antigo governador da província tentou convencer-me para ir para o Des-

portivo de Maputo, clube que formava campeões”.

Era um velocista que prometia, nos 100, 200 metros e salto em comprimento.

– “O Costa do Sol queria mandar-me para o estrangeiro. No futebol Riquito e outros estavam nos planos do clube. Infelizmente foi exactamente nesse momento em que fiquei doente, a um mês de completar 18 anos”.

DIFÍCIL PARTO DO ARTISTA

Matsinhe fez o ensino médio na Escola Secundária da Maxaque-ne, “mas quando adoeci já estava na Josina Machel. Parei uns bons anos e voltei à carteira, de novo, na Josina Machel. Os meus professores incentivaram-me dizendo que Deus tirou-me a força das pernas, mas tinha talento nas mãos”.

Primeiramente ele não levou o conselho a sério.

– “Pintava como hobby. Tinha amigos como o Mário Tique, com quem a gente sempre visitava. Eu desenhava o Michael Jackson, as barbas do Presidente Samora Machel, o guarda-redes Nuro Americano e outras coisas, sem nunca pensar em ser artista”.

O outro amigo é o Manuel Pereira, que lhe apresentou o Rui. Por sua vez o Rui falou bem das obras de Matsinhe ao pai, Augusto Cabral, que entendia de arte, que deu muitas dicas a Matsinhe.

– “Ele visitou-me, pediu para ver todas as obras que tinha em casa. Gostou e disse que eu já podia expor, porque as minhas obras valiam muito dinheiro. Comecei a correr atrás de patrocínios para expor pela primeira vez, isto em 1995. Infelizmente as portas teimavam em não se abrir”.

O BISPO DA SALVAÇÃO

A sua salvação foi a conversa tida com o falecido João Machado, antigo bispo da Igreja Metodista, de que Matsinhe é membro.

– “Apresentei-lhe a minha preocupação em encontrar um espaço para fazer a minha primeira



ELE RESPONDE COM EXEMPLO DE SUPERAÇÃO

exposição. Ele disse-me que haveria uma conferência em Cambine, Inhambane, coincidentemente a minha terra natal, e que podia expor lá”.

Foi uma ótima ideia, porque os conferencistas teriam algo para ver durante os intervalos.

– “Eu não tinha meios de levar as obras para Cambine, mas ele prontificou-se em cobrir toda a logística, incluindo a passagem”.

Na altura viajava-se nos autocarros da ROMOS (Rodoviária de Moçambique Sul). “Da N1 para a Igreja Metodista são uns 10 quilómetros. E foi lá onde aconteceu a minha primeira exposição. Foi ótimo lançar a primeira semente na minha terra natal, 30 anos depois de nascer”.

Os frutos desse primeiro parto foram bons.

– “Faço a exposição e a imprensa já sabia que venho do atletismo. O facto de não ter desistido da vida, de não ficar na rua pedindo esmola e de estar a fazer algo útil, nas condições em que estava, foi visto como uma lição de superação, de uma pessoa que caiu, levantou-se e continuou a correr.”

ACESSO À UNIVERSIDADE FOI UMA GRANDE GUERRA

Com a 11ª classe tirada na Manyamga e depois de não conseguir entrar na UEM devido ao número exíguo de vagas, Matsinhe conseguiu vaga na Universidade do Cabo Oriental.

Eram necessários fundos para custear as despesas, pelo que calcoreou as artérias da cidade em

busca de compradores das suas obras.

– “Felizmente, ao fim de uma semana consegui reunir os 26 mil randes que precisava para pagar as despesas de um ano na universidade”.

No primeiro ano Matsinhe teve a segunda melhor nota numa avaliação, que culminou na sua selecção como um dos 10 expositores na galeria da universidade.

– “Era o único pintor, porque os restantes participaram noutras categorias. A direcção da universidade permitiu-me que além do quadro seleccionado pudesse expor mais obras”.

A Universidade tinha um jornal interno, que fez a cobertura da exposição e escreveu qualquer coisa como Sebastião Matsinhe rouba a exposição, no sentido de que as atenções estavam concentradas nos seus quadros.

A reportagem repercutiu fora da universidade e as pessoas procuraram saber afinal de contas quem era o tal Sebastião Matsinhe.

– “Foi assim que o meu nome começou a penetrar no mercado sul-africano das artes”.

Aproveitou-se desse boom para produzir mais obras, até porque dependia dos ganhos da pintura para juntar o valor para pagar as mensalidades na universidade.

– “Foi assim que fiz o meu bacharelato em artes, mais tarde a licenciatura e, por último, a especialização, que é o mestrado”.

Hoje ostenta o título de Antropólogo Cultural.

– “Viajei do Rovuma ao Maputo



Nos seus tempos, quando o velocista defendia as cores do Costa do Sol

para ver como é que os artistas trabalham. Se Deus quiser e a porta de um patrocinador se abrir vou editar em Português para oferecer esse acervo aos moçambicanos”.

Com 14 exposições individuais e 28 colectivas, dentro e fora do país, considera-se “um artista emocional, porque quando estou feliz sai uma obra alegre e quando tenho uma preocupação interna que me abala sai uma obra triste. No fundo, as minhas obras são todas emocionais”.

É comum nas artes as pessoas falarem em obras abstractas, mas Matsinhe é de opinião que essas não existem.

– “O abstractismo está na nossa mente. Significa o limite do conhecimento para interpretar uma obra”.

Admite que “quem criou essa expressão nas artes pode-se saber defender-se, mas eu, sinceramente, não encontro razão para cha-

mar uma obra de abstracta”.

Na qualidade de asmático, Matsinhe afirma que “evito, ao máximo, usar tintas de óleo, porque cheiram muito. Portanto, opto mais pela técnica mista e acrílica”.

VEM AÍ A SUA AUTOBIOGRAFIA

Matsinhe revela que nos últimos tempos “tenho tentado concluir a minha autobiografia. Muitos artistas não têm o hábito de falarem de si, com vista a deixarem um legado para os netos, bisnetos, bem como para a sociedade”.

Acrescenta que “se nós hoje conhecemos o Van Gogh, Picasso e outros é porque alguém escreveu, um hábito que faz muita falta cá entre nós. As pessoas gostam de pintar, mas não de falarem de si mesmas”.

Defende que “devemos sair desse egoísmo e começarmos a dizer quem somos nós, como é que trabalhamos, sonhamos, perspectivamos as coisas e como chegámos até onde estamos. Só assim é que podemos inspirar os outros e seremos recordados, se Deus quiser, porque o legado não é só pintar. É também falar”.

Apesar de haver dificuldades de vária ordem na cadeia de valor do processo criativo, Matsinhe está feliz com o que faz.

– “A minha maior dificuldade é tentar habituar-me ao novo mundo em que vivo. Ontem eu corria e competia. Daquele lado era influenciado a entender mal este lado, o mundo das ditas pessoas deficientes”.

Acrescenta que “Deus quis levar-me de lá para este lado, se calhar para entender melhor este lado e entender melhor o mundo onde eu estava. Quando Jesus estava a ser crucificado, apesar das dores que sentia, ele conseguiu levantar a cabeça e dizer: Pai, perdoa-lhes. Eles não sabem o que fazem. Confesso que não entendia essa passagem, mas hoje entendo melhor.”

O argumento de Matsinhe é que “doutro lado influenciavam-me a entender mal essas pessoas, mas hoje estou aqui e vejo a paz que existe deste lado em relação ao outro lado, onde critica-se muito e aponta-se muito o dedo às pessoas. Deste lado quase não existe isso”.

OUTRA QUE CONSEGUIU SUPERAR-SE

Sua musa é Tina Turner.

Apesar de tudo, o artista continua a criar, sob uma fonte de inspiração que vem de muito longe, de quando ainda era garoto.

– “Eu cresci aqui na cidade de Maputo. Tive o privilégio de o meu irmão mais velho, que me criou, ter um gira-discos, onde a gente escutava muitas músicas. Quando estivesse no serviço eu ficava a escutar Lindomar Castilho, Michael Jackson e Lionel Richie, mas cativei-me desde cedo com a voz de Tina Turner”.

Matsinhe afirma que “felizmente em meados da década de 1980 a Tina Turner foi actuar na África do Sul. A falecida Miriam Makeba veio a Maputo para o casamento da Mingas. Por coincidência eu estive nesse casamento”.

Revela que “tive a oportunidade de dar um aperto de mãos à simpática Makeba. Foi através dela que soube que a Tina Turner ia actuar em Joanesburgo. Com a ajuda dela viajei e fui ver pela primeira vez a Tina. Antes já estava a reunir dinheiro para vê-la em Alvalade, quando foi actuar em Lisboa”.

No show de Jo'burg teve acesso a um catálogo onde vinha a biografia da Tina.

– “Foi a partir daí que comecei a querer saber muito mais sobre ela. Um ano depois vi o filme sobre a sua vida e a sua história de superação tocou-me”.

Na sua vida conturbada, Tina Turner casou-se com Ike Turner, com quem, após longos anos de instabilidade, com violência de permeio, a diva deixou tudo para trás: casamento, filho e uma grande fortuna.

– “Ela saiu daquele casamento só com 26 centavos na carteira. Começou a vida do zero e conseguiu ser mais rica que o próprio marido. Essa história criou em mim uma inspiração tal que quando estive de baixa jurei que à minha saída nunca iria sentar-me numa esquina a pedir esmola”.

Matsinhe transformou as dificuldades em combustível para seguir em frente com a vida, sem vacilar, até chegar onde hoje chegou. É, sem dúvidas, um exemplo de superação.

– “Tina Turner é a minha principal fonte de inspiração, pelos motivos explanados”.

UM ARTISTA SEM GALERIA PERDE UM POUCO DA SUA ESSÊNCIA

Gostaria de ter espaço próprio

Matsinhe está preocupado com a falta de espaço de trabalho, digamos que uma galeria digna desse nome.

– “O meu nome é conhecido lá fora, mas o mal é que essas pessoas querem vir a Moçambique conhecer a minha casa. Como deve imaginar, é chato ter nome fora e não ter casa cá. Preciso de uma galeria, porque essa seria a minha casa de criação e é isso que eles querem ver. Um artista sem uma galeria perde um pouco da sua essência”.

Considera Matsinhe, entretanto, que “há uma luz no fundo do túnel. O Governo já começou a dar terrenos a desportistas. Oxalá abranja também aos artistas, porque também precisam de espaço onde possam trabalhar à vontade”.

Defende que “o músico

precisa de fazer barulho à vontade, o pintor ou escultor precisam de silêncio. Eu apelo às pessoas que dirigem este ramo para que olhem por nós, dando

espaço. Construir cada um pode procurar formas para tal”.

Refira-se que Matsinhe é pai solteiro de um filho, Samson, que lhe fez avô por duas vezes.



Ter um espaço próprio é o seu desejo